LC

OBRA 6

ÁGUA FUNDA

RUTH GUIMARÃES

1. A Autora



NASCIMENTO: 13 DE JUNHO DE 1920.
FALECIMENTO: 21 DE MAIO DE 2014.

DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.LETRAS.UFMG.BR/LITERAFRO/AUTORAS/434-RUTH-GUIMARAES>. ACESSO EM: FEV. 2024.

1.2. Biografia

Nascida em Cachoeira Paulista-SP, em 13 de junho de 1920, Ruth Botelho Guimarães, além de poeta, romancista, contista, cronista, jornalista e teatróloga, notabilizou-se como tradutora e pesquisadora da literatura oral no Brasil. Além disso, lecionou Língua Portuguesa por mais de 30 anos em escolas da rede pública de São Paulo.

Ainda menina, revelou-se poeta e, aos dez anos de idade, já publicava seus primeiros versos nos jornais *A Região* e *A Notícia*, ambos de circulação local. Aos dezoito anos, mudou-se para a capital paulista a fim de prosseguir seus estudos na USP, onde concluiu os cursos de Filosofia e, mais tarde, de Letras Clássicas. Cursou também Folclore e Estética.

Como jornalista, colaborou na imprensa paulista e carioca, mantendo também por vários anos uma seção permanente de literatura nas páginas da *Revista do Globo*, de Porto Alegre, em que resenhava livros, mantinha um concurso de contos, e onde publicou seus primeiros textos literários e traduções. Escreveu, também, crônicas e críticas literárias nas páginas de *Correio Paulistano*, *A Gazeta*, *Diário de São Paulo*, *Folha de Manhã* e *Folha de São Paulo*.

É como romancista que Guimarães consegue projeção nacional. Em 1946, publica Água funda, obra aplaudida por intelectuais de peso como Nelson Werneck Sodré e Antonio Candido, que assina o prefácio da segunda edição. Para o crítico, "Ruth Guimarães nos prende porque tem a capacidade de representar a vida por meio da ilusão literária, graças à insinuante voz narrativa que inventou." (2003, p. 11).

Já para o escritor e crítico Oswaldo de Camargo,

> Com o romance Água funda, Ruth Guimarães oferece uma intensa e deliciosa viagem pelo universo caipira da fazenda Olhos D'água, localizada em uma cidadezinha do interior mineiro, aos pés da Serra da Mantiqueira. O mundo de atmosfera mágica por onde desfilam senhores e sinhás, contadores de casos, ou causos, e no qual a superstição e o sobrenatural muitas vezes orientam a vida cotidiana. (apresentação da autora durante debate no Museu Afro Brasil, em 2007).

Pode-se dizer que Ruth Guimarães foi uma das primeiras escritoras negras a ocupar espaço nacional no cenário da literatura brasileira. Estudiosa da cultura popular, principalmente do folclore, e autora de diversas obras que valorizam essa vertente da nossa cultura, Ruth teve como mestre ninguém menos que Mário de Andrade. Segundo a escritora e pesquisadora, Mário foi o grande responsável por apresentá-la melhor ao folclore brasileiro. Entre suas dezenas de publicações, destacam-se, além de Água Funda, *Calidoscópio - A saga de Pedro Malazarte*, *Lendas e Fábulas do Brasil*, *Contos de Cidadezinha* e o ensaio *Os filhos do medo*. Traduziu Balzac, Dostoievski, Daudet e Apuleio, além de ser autora de um importante dicionário da Mitologia Grega.

Em 2007, Ruth concedeu um depoimento no seminário "Encontro de Gerações", promovido pelo Museu Afro Brasil, em São Paulo, em que aborda seu trabalho e a questão do negro em nosso país:

Minha formação é totalmente anônima, mergulhada na literatura brasileira, uma literatura sem escolha. Aliás, todos nós brasileiros estudamos literatura de uma maneira desorganizada; a gente lê o que quer, o que gosta, os professores dão um texto aqui, outro ali, nada sistematizado, com um sentido e programação. Quando nós chegamos ao fim, se é que a gente pode dizer ao fim, temos uma espécie de formação mista; assim como somos um povo mestiço, todo cheio de misturas de todo jeito, a nossa literatura também é toda feita de pedaços de textos, de arrumações aqui e ali. Não há nada que nos torne inteiriços, inteiros. Minha literatura é isso também. Eu conto a história da roça, de gente da roça, do caipira. Eu também sou caipira, modéstia à parte. Eu não me importei muito se havia uma tendência, ou se havia uma inclinação para contar a história do preto; como eu também sou misturada, o meu livro é misturado. Como eu sou brasileira, nesse sentido de brasileiro todo um pouco para lá, um pouco para cá, o meu livro também é assim, um pouco para lá, um pouco para cá. (...)

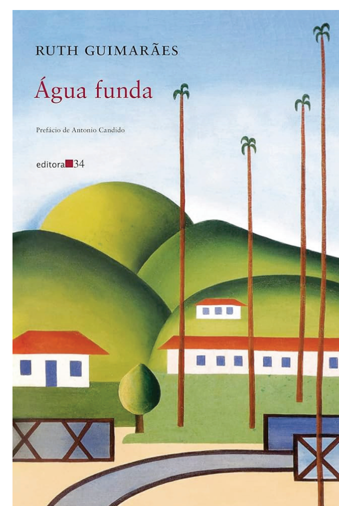
> Nós precisamos saber da raiz negra de onde viemos. A história negra está por fazer, a literatura negra está por fazer, a poesia está por fazer. Eu, depois de velha, resolvi pesquisar e, para isso, eu estou contando e escrevendo histórias, tentando fazer um fabulário brasileiro, não só com pesquisa entre negros, mas entre o povo, todo o nosso povo e, ocasionalmente, quando se faz o estudo aí a gente separa: isso daqui para lá é dos pretos, isto de lá para cá é de todo mundo. Muita gente já fez esses estudos e até descobriram uma coisa muito bonita, muito gratificante para a gente: que todas aquelas qualidades do povo brasileiro, aquele povo igual, alegre, que aceita, que aguenta os trancos, que passa por tudo quanto é ruindade neste mundo, essa qualidade boa, excelente, que faz de nós um povo único no mundo, nós devemos aos negros. Os negros é que são assim, aguentaram e continuam aguentando; não sei se são muito pacientes. Se for medir por mim, porque o homem é a medida do homem, se for medir por mim, essa qualidade de paciência nós não temos. Eu não tenho paciência. Não sou uma criatura paciente, mas sou uma criatura alegre, graças aos meus ascendentes negros. E agora, depois de muito velha, estou fazendo pesquisa e procurando o rastro do negro na nossa literatura de povo e na nossa alegria de contar histórias.
>
> Água funda é um livro engraçado, livro da vida de todos os dias, é um livro de "acontecências". Qualquer vida dá uma água funda, qualquer um de nós escreve um diário e conta aquelas coisas de todos os dias e vai sair uma água funda. Porque a verdade do livro, alegria, o que o livro tem de bom, de literário, é que ele é um livro de todos os dias, que acontece na vida de cada um. A gente procura o que tem na Água funda; nada, nem água. Claro, eu aprendi português em primeiro lugar, que é uma coisa que eu receito para os neo-escritores: que façam o favor de aprender português em primeiro lugar para depois escrever sua água funda. Estou sempre brigando por isso, aliás, eu sou professora, sou pela competência; se alguém vai escrever um livro, que leia os bons autores, que estude os bons autores, que assista aos bons filmes, que converse com gente que sabe falar, que viva a sua vida bastante e bem. Viva a vida completamente. Emocionalmente a pessoa tem que estar apta. (Depoimento concedido ao seminário "Encontro de Gerações", promovido pelo Museu Afro Brasil, em 2007. In: Ruth Guimarães assume vaga na Academia Paulista de Letras, aos 88 anos).

Em 18 de setembro de 2008, a escritora foi empossada na Academia Paulista de Letras, sendo eleita imortal em 5 de junho do mesmo ano, com 30 dos 34 votos válidos. Às vésperas de completar 89 anos, foi convidada pelo prefeito Fabiano Vieira para assumir a pasta da Cultura em Cachoeira Paulista, na sua cidade natal. Após aceitar a proposta, afirmou que estava ansiosa para trabalhar de forma efetiva pela sua cidade. Ruth Guimarães também integrou importantes entidades culturais, como o Centro de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade e a Sociedade Paulista de Escritores.

Com a saúde debilitada, faleceu, aos 93 anos, em 21 de maio de 2014.

FONTE: HTTP://LETRAS.UFMG.BR/LITERAFRO/AUTORAS/434-RUTH-GUIMARAES

2. A obra



Lançado em 1946, este romance se destaca como um dos pioneiros na abordagem da vivência afro-brasileira, sendo reconhecido como uma valiosa contribuição à literatura nacional.

A trama se desenrola no bairro de "Água Funda", nos arredores de São Paulo, acompanhando a trajetória de diversos personagens, em sua maioria de descendência africana, ao longo de diferentes períodos históricos. Desde os tempos da escravidão até o período pós-abolição, o livro revela as

consequências duradouras da opressão racial e social sobre esses indivíduos e suas famílias.

Explorando as complexidades das relações raciais e sociais no Brasil, a autora, Ruth Guimarães, oferece um retrato minucioso da vida cotidiana dos habitantes de Água Funda, expondo suas lutas, aspirações e desafios em meio a uma realidade marcada pela desigualdade.

No âmbito dessas questões, os personagens enfrentam uma série de desafios, desde a busca por reconhecimento até a preservação de suas raízes culturais, a melhoria das condições de vida e educação, além do combate ao racismo institucionalizado. Guimarães apresenta essas histórias com sensibilidade e realismo, proporcionando uma visão abrangente das experiências desses indivíduos.

O enredo também lança luz sobre as transformações urbanas ao longo do tempo, mostrando como o progresso da cidade de São Paulo impacta a vida das comunidades em Água Funda, através das mudanças na paisagem, economia local e nas relações sociais.

Além das questões raciais e sociais, o romance também aborda temas como ancestralidade, espiritualidade afro-brasileira e a importância da memória na construção da identidade. Guimarães dá voz às histórias que foram silenciadas e marginalizadas, contribuindo para uma compreensão mais profunda da diversidade e complexidade da sociedade brasileira.

Com uma linguagem poética e descritiva, a autora cria uma atmosfera vívida e envolvente, transportando os leitores para o universo de Água Funda e os conectando emocionalmente com os personagens e suas jornadas. Seu estilo literário, rico em metáforas e simbolismos, enriquece a narrativa, tornando-a uma obra literária profunda e significativa.

2.1. Colcha de retalhos orais

A obra ganhou destaque na sua publicação e, bem como o prefácio feito por Antonio Candido atesta, muito disso aconteceu por conta da habilidade literária de Guimarães em construir uma ambientação oralizada que superasse os estereótipos do regionalismo. Nesse sentido, é possível perceber que a obra, em seus diferentes enfoques, constitui a oralidade não só a partir da escolha lexical, mas em sua estrutura: é como se as histórias fossem diversos causos de Água Funda que, emaranhados, começam a dar sentido ao texto do leitor.

O narrador, assim, estabelece uma espécie de diálogo com o leitor, na mesma medida que constrói a típica narrativa fragmentada do modernismo.

Assim, é possível pensar em duas linhas maiores que conduzem a trama:

PRIMEIRA PARTE

A história de Sinhá Maria Carolina, caçula da família que casou cedo com um homem que constantemente a traia. O marido morreu pouco depois do nascimento de Gertrudes, a filha do casal. Sinhá, portanto, assume o papel de dona da fazenda Olhos d'água, e tem uma personalidade fria e distante.

Gertrudes, filha de Sinhá, fugindo da rigidez que a vida com a mãe lhe ofertava, foge com o filho de um capataz para viver um romance. Em conta disso, Sinhá, fica sozinha e depois de um tempo acaba casando com um novo capataz, uma vez que o capataz antigo pediu demissão após o acontecido com seu filho.

Por fim, o novo marido de Sinhá acaba tomando todo o dinheiro da esposa e a abandona.

SEGUNDA PARTE

Nessa parte, surge uma nova geração de pessoas para a trama. Acompanhamos a história da neta de Miró, Curiango e Joca. Além disso, começamos a ver algumas influências da modernização dentro do espaço Rural. Entra, aqui, uma espécie de realismo fantástico e superstições, a partir da figura da Mãe de Ouro.

Essas duas linhas evocam, assim, os principais temas da obra.

3. Aspectos Importantes

- **Crenças:** a maneira como a crença de uma sociedade influencia o ambiente em que ela vive e se constrói.
- **Escravidão:** a obra toca em aspectos da realidade brasileira que perpassam a escravidão e as suas causas, o racismo.
- **Estilo:** o estilo ímpar de Ruth Guimarães precisa ser considerado, a construção que beira um realismo fantástico merece análise literária e reconhecimento por parte do leitor e da crítica.
- **Oralidade:** a escrita coloquial de Ruth Guimarães traz à tona um olhar especial para a fala dita caipira, livre de estereótipos e de uma maneira natural, é importante observar as variações linguísticas da obra, abrindo margem para comparar com outros autores da época, como Guimarães Rosa.